

**JAEGWON KIM E A HERANÇA BRENTANIANA NA FILOSOFIA
ANALÍTICA DA MENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O
REPRESENTACIONALISMO¹**

*Jaegwon Kim and the Brentanian Heritage in Analytic Philosophy of
Mind: Considerations on the Representationalism*

Evandro O. Brito²

RESUMO

Via de regra, a maior parte das análises da tese da *intencionalidade*, a qual foi introduzida na origem da filosofia contemporânea por Franz Brentano em sua obra *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico* (1874), adota as perspectivas estabelecidas pelos filósofos da tradição fenomenológica. Certamente tais abordagens encontram boas justificativas no fato de que a fenomenologia figura entre as principais correntes de pensamento desenvolvidas a partir do projeto inaugurado por Brentano em 1874. No entanto, vários outros pensadores pertencentes a outras correntes de pensamento, as quais certamente não foram menos relevantes para o atual estágio da filosofia contemporânea, analisaram a tese brentaniana da *intencionalidade* e desenvolveram seus respectivos programas de pesquisa a partir de perspectivas diversas àquelas dos filósofos da tradição fenomenológica. Entre eles figuraram Kasimir Twardowski, Alois Höfler, Alexius Meinong, Carl Stumpf, Anton Marty, Sigmund Freud, entre outros. Além disso, a partir da segunda metade do século passado e na esteira de uma tradição não fenomenológica, alguns pensadores pertencentes à nova corrente definida como *filosofia da mente*, desenvolvida no ceio da tradição analítica, recolocaram a tese brentaniana da *intencionalidade* no centro de suas análises filosóficas. A questão fundamental estabelecida por essa tradição foi aberta ao debate nos seguintes termos: *a intencionalidade é a marca do mental?* Desde então, o modo como essa questão fundamental vem sendo interpretada, bem como as diferentes respostas que ela tem recebido, diverge radicalmente em função dos pressupostos (ontológicos e epistemológicos) assumidos pelos programas de pesquisas dos filósofos da mente envolvidos no debate. Em função deste horizonte aberto, este trabalho está dividido em três partes: (i) apresenta de modo sistemático os pontos fundamentais da análise de Fréchette (2021), a qual descreve o distanciamento da interpretação *Standard* de orientação fenomenológica ao traçar a rota da recepção do programa brentaniano pela tradição analítica da filosofia da mente; (ii) descreve o modo como Jaegwon Kim, em seu livro *Philosophy of mind* (2011/2019), analisa a tese brentaniana da *intencionalidade* com o propósito de apresentar uma suposta resposta consensual da filosofia da mente para a pergunta “*a intencionalidade é a marca do mental?*” O desenvolvimento das partes (i) e (ii) explicitará o

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.260704>

² Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: evandro@unicentro.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4121-1106>.

pano de fundo para a sustentação da seguinte hipótese: Brentano teria bons argumentos para refutar a análise de Kim acerca da sua tese da *intencionalidade*, pois ao menos um pressuposto fundamental na definição de *intencionalidade* é tomado por Kim em sentido equivocado, a saber, *apresentação* (*Vorstellung*), tal como sustentou Boccaccini (2023). Finalmente, (iii) a minha tese defendida na última parte deste trabalho assume, portanto, que Kim incorre na cilada da multiplicidade de sentidos do termo *Vorstellung* e, por isso, apresenta uma análise equivocada da tese brentaniana da *intencionalidade* sustentada no *representacionalismo*, a qual impede a compreensão da definição do conceito brentaniano de *fenômeno (físico e psíquico)* nos termos da sua 4ª tese de Habilitação.

Palavras-chave: Filosofia da Mente. Franz Brentano. Intencionalidade.

ABSTRACT

As a rule, most analyses of the thesis of *intentionality*, which was introduced into contemporary philosophy by Franz Brentano in his work *Psychology from an Empirical Standpoint* (1874), adopt the perspectives established by philosophers of the phenomenological tradition. Certainly, such approaches find good justification in the fact that phenomenology figures among the main currents of thought developed from the project inaugurated by Brentano in 1874. However, several other thinkers belonging to other currents of thought, which certainly were no less relevant to the current stage of contemporary philosophy, analyzed the Brentanian thesis of *intentionality* and developed their respective research programs from perspectives different from those of the philosophers of the phenomenological tradition. Among them were Kasimir Twardowski, Alois Höfler, Alexius Meinong, Carl Stumpf, Anton Marty, Sigmund Freud, among others. In addition, from the second half of the last century onwards and in the wake of a non-phenomenological tradition, some thinkers belonging to the new current defined as philosophy of mind, developed within the analytic tradition, put the Brentanian thesis of *intentionality* back at the center of their philosophical analyses. The fundamental question established by this tradition was opened to debate in the following terms: "is *intentionality* the *mark of the mental*?" Since then, the way this fundamental question has been interpreted, as well as the different answers it has received, diverge radically depending on the presuppositions (ontological and epistemological) assumed by the research programs of the philosophers of mind involved in the debate. Given this open horizon, this paper is divided into three parts: (i) it presents in a systematic way the fundamental points of Fréchette's (2021) analysis, which describes the distancing of the Standard interpretation of phenomenological orientation by tracing the route of the reception of the Brentanian program by the analytic tradition of the philosophy of mind; (ii) it describes the way Jaegwon Kim, in his book *Philosophy of Mind* (2011/2019), analyzes the Brentanian thesis of intentionality with the purpose of presenting a supposed consensual answer in the philosophy of mind to the question "is intentionality the *mark of the mental*?". The development

of parts (i) and (ii) will explicit the background for the support of the following hypothesis: Brentano would have good arguments to refute Kim's analysis of his thesis of *intentionality*, because at least one fundamental presupposition in the definition of *intentionality* is taken by Kim in a mistaken sense, namely presentation (*Vorstellung*), as Boccaccini (2023) maintained. Finally, (iii) my thesis defended in the last part of this paper assumes, therefore, that Kim incurs the trap of the multiplicity of senses of the term *Vorstellung* and, therefore, presents an erroneous analysis of the Brentanian thesis of *intentionality* sustained in *representationalism*, which prevents the understanding of the definition of the Brentanian concept of phenomenon (physical and psychic) in the terms of his *4th Habilitation thesis*.

Key-words: Franz Brentano. Intencionalidade. Philosophy of Mind.

INTRODUÇÃO

Um modo pouco tradicional de analisar a tese da *intencionalidade* formulada por Franz Brentano (1838 -1917) é aquele que parte do seu critério metodológico fundamental estabelecido para a investigação filosófica, tal como foi anunciado por ele mesmo em sua famosa *4ª Tese de Habilitação*, a saber, “o verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais” (BRENTANO, 2017). Ainda que aparentemente idiossincrática do ponto de vista da ampla tradição fenomenológica, essa orientação metodológica tem se tornado cada vez mais recorrente ao menos para um grupo de filósofos pertencente à recente linha de investigação chamada filosofia da mente, inaugurada no ceio da tradição analítica, o qual debate internamente acerca da plausibilidade dos pressupostos da doutrina *fisicalista*.

Em linhas gerais, tais filósofos analíticos da mente descrevem o *fisicalismo* como “uma doutrina segundo a qual todas as coisas que existem são entidades reconhecidas pela ciência da física, ou sistemas agregados de tais entidades, (...) lembrando que as propriedades *físicas* incluem propriedades químicas, biológicas e neurais, não apenas aquelas investigadas na física básica” (KIM, 2019, n. p). À luz desse pressuposto fundamental da doutrina, os *fisicalistas* (*reducionistas* e *não reducionistas*) divergem acerca da possibilidade de que os sistemas físicos possam ter propriedades não físicas, ou seja, propriedades que não são reconhecidas pela física ou redutíveis a ela. Nesse sentido, as propriedades psicológicas estariam entre as principais candidatas

a tais propriedades não físicas possuídas por sistemas físicos e seria, portanto, uma das principais tarefas dessa corrente da filosofia da mente justificar a superveniência das propriedades psicológicas ou mentais em relação às propriedades físicas.

No intuito de levar a cabo a tarefa de afirmar ou refutar a superveniência do *mental* em relação ao *físico*, esse grupo de filósofos analíticos da mente assume de modo implícito ou explícito o lema da 4ª Tese de Habilitação de Franz Brentano (“o verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais”) para revisitar a tese brentaniana da *intencionalidade* com dois objetivos antagônicos, a saber, (a) corroborar ou (b) refutar a tese de que a *intencionalidade*, tal como definida por Brentano, é a *marca do mental*.

Um clássico exemplo da difusão desse debate, bem como dos argumentos utilizados pela referida corrente de filósofos analíticos da mente na tentativa de refutar tal interpretação da tese brentaniana (ou seja, o objetivo (b)), vem sendo sistematizado pelo filósofo sul coreano Jaegwon Kim desde a primeira edição do seu livro *Philosophy of mind* (2006). Sobretudo em sua terceira e última edição (2011 e 2019), Kim mostra que, em função dos pressupostos (ontológicos e epistemológicos) assumidos pelos programas de pesquisas dos filósofos analíticos da mente envolvidos no debate, há uma divergência radical acerca do modo como a tese da *intencionalidade* como *marca do mental* poderia ser refutada.

O presente trabalho, no entanto, não se ocupa com a totalidade dos argumentos apresentados por Kim na sua tentativa de sistematizar o modo como tal grupo de filósofos analíticos da mente refuta a tese de que a *intencionalidade* é a *marca do mental*. A análise aqui apresentada ocupa-se prioritariamente com a interpretação de Kim acerca da tese brentaniana da *intencionalidade* com o propósito de explicitar, seguindo a interpretação de Boccaccini (2023, p. 94-95), que ao menos um pressuposto fundamental na definição de *intencionalidade* foi tomado por Kim em sentido equivocado, a saber, *Vorstellung* (*representação ou apresentação*)³. Minha tese, aqui defen-

³ A ambiguidade do termo alemão *Vorstellung*, tema central das partes (ii) e (iii) deste trabalho, será demarcada pela sua tradução. Daqui em diante, *Vortellung* será traduzido por *representação* sempre que for o caso de demarcar o sentido representacionista proposto por Kim. No entanto, seguindo a perspectiva de Boccaccini (2023, p. 94-95), traduziremos

dida na última parte (iii) desse trabalho, assume primeiramente a hipótese de que Kim incorreu na cilada da multiplicidade de sentidos do termo *Vorstellung* e, por isso, apresentou uma análise equivocada do conceito de *intencionalidade* baseada numa versão do *representacionalismo*. Em seguida, sustenta-se que Brentano teria bons argumentos para refutar essa análise de Kim, pois a compreensão equivocada do conceito *Vorstellung* (*apresentação*) implicou uma interpretação não brentaniana do conceito de *intencionalidade*, pois ela não tomou o conceito brentaniano de *fenômeno* (*físico e psíquico*) nos termos da sua 4ª *tese de Habilitação*. Consequentemente, e em função de tal interpretação equivocada, o horizonte da questão fundamental (*a intencionalidade é a marca do mental?*) continua aberto, ao menos para os herdeiros mais ortodoxos da tradição brentaniana.

Em função deste horizonte aberto e para apresentar a plausibilidade de minha tese (iii), eu sistematizo primeiramente (i) uma análise acerca da recepção do programa brentaniano nos centros de pesquisas acadêmicos anglo-saxões, tal como apresentada no recente trabalho de Guillaume Fréchette (2021), a qual descreve a divergência acerca da interpretação *Standard* de orientação fenomenológica ao traçar a rota da recepção dos programas de pesquisa brentanianos pela tradição analítica, bem como sua caracterização como filosofia analítica da mente. No segundo momento, eu descrevo (ii) o modo como Kim, em seu livro *Philosophy of mind* (2019), analisou o conceito brentaniano de *intencionalidade* com o propósito de apresentar uma suposta resposta consensual da filosofia da mente para a pergunta “*a intencionalidade é a marca do mental?*”. Passemos então à exposição dos tópicos (i) e (ii), sucessivamente, uma vez que eles explicitarão o pano de fundo e a base para a sustentação da minha tese (iii).

Vorstellung por *apresentação*, sempre que for o caso de apresentar a concepção brentaniana desse conceito. As razões e a plausibilidade dessas opções serão expostas adiante. Além disso, se o que estamos propondo é uma análise convergente com a questão levantada por Antonelli (2021, p. 303), acerca do modo com “Montague (2019) argumentou que a noção brentaniana de apresentação (*Vorstellung*) pouco tem em comum com a teoria representacionista contemporânea”, será um problema para um trabalho futuro.

2. O PROGRAMA DE FRANZ BRENTANO E A TRADIÇÃO ANALÍTICA DA MENTE

Em seu artigo *Phenomenology and analytic philosophy*, Guillaume Fréchette (2021) analisou as origens das tradições fenomenológica e analítica a partir de uma perspectiva contrária àquela que se define pela clássica busca das diferenças, incompatibilidades e incomensurabilidades entre elas. A estratégia de Fréchette consistiu em tomar os conceitos de *realismo* e *antirrealismo* como categorias de análise para estabelecer uma pedra de toque que permitiu explicitar as semelhanças, compatibilidades e comensurabilidades entre os programas de pesquisas desenvolvidos pelos filósofos reconhecidos como membros de uma ou de outra dessas duas tradições. Nesse sentido, Fréchette não adentrou propriamente ao clássico problema da separação *Reno e Danúbio*, tal como pontuada por Dummett (1994, p. 26) e exaustivamente analisada por Glock (2011) e Porta (2004). Pelo contrário, e tomando ainda a metáfora da separação entre os dois rios, Fréchette tomou a *Phänomenologie* de Brentano como pedra de toque para estabelecer uma hipótese de vínculo entre *o Reno* e *o Danúbio*. Segundo os objetivos de sua análise, a questão relevante não está na possibilidade de estabelecer uma separação radical e inconciliável entre fenomenologia e filosofia analítica, pois o importante para o debate contemporâneo é que a noção de *intencionalidade* vigora como um tema comum (FRÉCHETTE, 2021, p. 655) e, por isso, a *Phänomenologie* de Brentano permite indicar uma convergência particularmente significativa entre as tradições fenomenológica e analítica, ainda que esta última venha a se restringir aos programas de pesquisa da filosofia analítica da mente.

Portanto, não é o caso de apresentar aqui os detalhes da análise de Fréchette acerca das desvantagens impostas pelas interpretações focadas na separação das tradições fenomenológicas e analíticas. Importa, para os propósitos deste trabalho, explicitar apenas que o vínculo histórico que o programa de pesquisa brentaniano mantém com a fenomenologia e a filosofia analítica da mente tem sua própria pré-história na recepção de Brentano em Cambridge e Oxford.

2.1. A *Phänomenologie* de Franz Brentano e a Pré-História da Filosofia Contemporânea

No final dos anos 1860 e início dos anos 1870, Franz Brentano proferiu um conjunto de palestras sobre metafísica com o propósito de apresentar sua *Phänomenologie*, a qual se caracterizava como uma propedêutica à ontologia, ocupada com a investigação do conteúdo de nossos fenômenos mentais. Segundo Fréchette, essa propedêutica se desenvolveu em um programa de pesquisa mais geral em psicologia, o qual se ramificou não apenas nas duas diferentes versões publicadas por Brentano, [primeiramente em 1874, na obra *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico* (PES), e posteriormente entre 1889-1891, nos primeiros trabalhos que compuseram a obra *Psicologia descritiva* (PD)], mas sobretudo nos programas de pesquisa de seus alunos que assistiram suas palestras ou que tiveram acesso às cópias impressas (2021, p. 649 e 556).

Uma versão do esquema de difusão da referida propedêutica em diversos programas de pesquisa, tal como sistematizado por Fréchette (2021, p. 556-7), pode ser apresentado do seguinte modo.

1860-70: *Phänomenologie* como uma propedêutica à ontologia.

Programas de pesquisa desenvolvidos por Brentano e seu orientando:

- 1874: Franz Brentano
 - a. *Psychology from an empirical standpoint*.
- 1887-1891: Franz Brentano.
 - a. (Palestras publicadas na obra póstuma) *Deskriptive Psychologie und beschreibende Phänomenologie*,
- 1873: Carl Stumpf
 - a. *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung*.
- 1886; 1891: Carl Stumpf.
 - a. *Tonpsychologie*, volumes 1 e 2.

Programas de pesquisa dos alunos que assistiram pessoalmente às palestras:

- 1894: Kasimir Twardowski:

a. *Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen: eine psychologische Untersuchung.*

- 1909: Josef Kreibitz:

a. *Die intellektuellen Funktionen. Untersuchungen über Grenzfragen der Logik, Psychologie und Erkenntnistheorie.*

- 1890 – 1891: Franz Hillebrand.

a. *Über die spezifische Helligkeit der Farben – Beiträge zur Psychologie der Gesichtsempfindungen*, p. 70 -121.

b. *Die neuen Theorien der kategorischen Schlüsse. Eine logische Untersuchung.*

- 1890: Alois Höfler:

a. *Logik. Unter Mitwirkung von Alexius Meinong.*

Programas de pesquisa dos alunos que tinham cópias das palestras:

- 1895: Anton Marty.

a. *Deskriptive Psychologie.*

- 1900/01: Edmund Husserl:

a. *Logische Untersuchungen.*

Esse breve esquema de difusão da propedêutica brentaniana, ainda que restrito apenas aos programas de pesquisa mais renomados, permitiu traçar as rotas que se iniciam na *Phänomenologie*, passam pelos dois programas de pesquisa do próprio Brentano, e levam tanto à fenomenologia contemporânea como à filosofia analítica da mente. Segundo Fréchette, tais rotas foram traçadas por meio da consideração de vários fatores, com papéis mais ou menos importantes dependendo do contexto em que as tradições se desenvolveram. Vejamos cada uma delas separadamente.

2.2. A *Phänomenologie* de Franz Brentano e a Fenomenologia de Husserl

O ponto de partida da fenomenologia foi a preocupação de Brentano com a centralidade das características constitutivas dos fenômenos mentais, ou seja, a consciência e a *intencionalidade*, nas pesquisas realizadas por seus alunos e nos programas que eles poderiam vir a desenvolver. Nesse

sentido, a fenomenologia desenvolvida a partir do programa de pesquisa de Husserl não foi entendida como *Phänomenologie* e nem mesmo como um dos dois programas de pesquisa de Brentano, ou seja, PES (1874) ou PD (1887-1891). No entanto, ela definiu-se como um movimento filosófico originado na *Phänomenologie*, o qual assegurou a Husserl a fama de herdeiro intelectual direto de Brentano. Em função disso, como é comumente sabido, suas *Investigações Lógicas* foram consideradas centrais para a história da fenomenologia do século XX, representando a primeira tentativa de uma explicação sistemática da disciplina, abrangendo lógica, psicologia, teoria do significado, abstração, mereologia, gramática pura e percepção (FRÉCHETTE, 2021, p. 649 e 556)⁴.

De fato, considerações adicionais sobre a relação entre os programas de Husserl de 1900-1 e o programa de Brentano de 1874 são dispensáveis, dada a exaustiva literatura sobre as críticas husserlianas à tese brentaniana da *intencionalidade*. Cabe, no entanto, ressaltar o percurso institucional que levaram à consolidação dessa tradição. Fréchette (2021, p. 649 e 557) pontua três fatores fundamentais:

1 O primeiro fator a considerar é que a fenomenologia de Husserl rapidamente se transformou em uma disciplina filosófica com suas próprias revistas.

1.1. Uma publicação fundamental para a difusão da fenomenologia foi o periódico *Husserl et al., Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, Halle, Niemeyer, 1913.

1.2. Além dele, e no contexto mais geral da fenomenologia da escola de Brentano, um fenômeno semelhante ocorreu na Polônia com a revista *Ruch Filozoficzny*, de Twardowski, publicada de 1911 em diante.

2 O segundo fator a considerar é a relevância do trabalho dos próprios filósofos no desenvolvimento dos seus programas de pesquisas nos principais centros acadêmicos institucionais: (a) Brentano em Viena; (b) Husserl

⁴ Sobre essa versão inicial da fenomenologia, consulte Guillaume Fréchette, "The origins of phenomenology in Austro-German institutional centers Philosophy: Brentano and Husserl", in John Shand (ed.), *The Blackwell Companion to 19th-Century Philosophy*, London, Wiley- Blackwell, 2019.

em Göttingen e Freiburg; (c) Marty em Praga; (d) Twardowski em Lemberg; (e) Stumpf em Berlim; (f) Meinong em Graz.

3 Finalmente, como terceiro fator, é preciso considerar ainda as polêmicas internas entre agendas filosóficas concorrentes, tanto dentro quanto fora desses centros.

Considerando tais fatores contextuais e institucionais como essenciais para a formação de uma tradição, Fréchette assegura que outros princípios teóricos também puderam desempenhar papéis relevantes. No entanto, ele sustenta que como qualquer outra tradição filosófica, a fenomenologia tolerou divergências teóricas, sempre que elas ocorreram no âmbito dos fatores mencionados e, de modo mais geral, dentro dos mesmos limites espaciais e temporais amplamente concebidos nos quais o restante da tradição estava localizado (2021, p 649).

2.3. A *Phänomenologie* de Franz Brentano e a Filosofia Analítica

Assim como na investigação das relações entre *Phänomenologie* e a tradição fenomenológica realizadas acima, as categorias de análise *realismo* e *antirrealismo*, tal como definidas por Fréchette para a investigação das relações que identificam a herança da *Phänomenologie* na tradição analítica, fornecem também um amplo contexto institucional e histórico no qual as obras filosóficas individuais devem ser compreendidas. Importa então, como ressalta Fréchette⁵ (2021, p 649), demarcar os percursos institucionais iniciados em Cambridge e Oxford, os quais levaram à consolidação dessa tradição, pois o vínculo histórico do objeto comum entre a *Phänomenologie* e a tradição analítica da mente tem sua própria pré-história na recepção de Brentano em Cambridge e Oxford.

⁵ “Embora seja discutível até certo ponto, parece bastante razoável, ou pelo menos útil, identificar Husserl como o pai da fenomenologia do século XX e Russell como o pai da filosofia analítica do século XX, apontar que Cambridge foi o centro mais importante para a filosofia analítica inicial, ou enfatizar o fato de que a filosofia analítica inicialmente visava fornecer uma análise do pensamento por meio de uma análise da linguagem, enquanto a fenomenologia visava a uma descrição fiel de nossa experiência” (FRÉCHETTE, 2021, p. 649).

2.3.1. Brentano em Cambridge

Fréchette (2021, p. 655) reconhece como primeiro ponto de chegada, o fato de que George Stout foi o responsável pela recepção dos programas de pesquisa de Brentano em Cambridge ao apresentar a filosofia austríaca aos seus alunos Russell e Moore, em particular os trabalhos de Brentano e Meinong.

- Primeiramente, é preciso considerar que o impacto dessa recepção merece destaque, já que Moore foi o primeiro filósofo a reconhecer a originalidade da teoria moral brentaniana, publicada em 1889 na obra *Origem do conhecimento moral*, como um dos resultados do aprimoramento que o próprio Brentano impôs, entre 1887-1891 (PD), ao seu primeiro programa de pesquisa de 1874 (PES).

a. Moore enfatizou a relevância e originalidade do programa de pesquisa brentaniano, tanto em uma resenha publicada em 1903 no *International Journal of Ethics*, como na introdução da sua obra magna *Principia Ethica* (BRITO, 2013, p. 22).

- Além disso, as obras de Brentano, Meinong e Husserl também foram objeto de interesse de Russell.
- Inclusive, Russell foi o responsável por Chisholm ter lido Brentano, fato que se evidenciou já nos primeiros trabalhos de Chisholm sobre *intencionalidade*.
- Finalmente, e aqui está uma das portas de entrada para a filosofia analítica da mente, foi graças ao árduo trabalho de Chisholm, responsável pela coordenação de várias edições e traduções das obras brentanianas para a língua inglesa, que a filosofia de Brentano ampliou seu espaço, não apenas no mundo anglo-saxão, mas em todo o mundo, durante o século XX.

2.3.2. Brentano em Oxford

Fréchette (2021, p. 655) estabelece como segundo ponto de chegada, não apenas o fato de que Gilbert Ryle foi o responsável pela recepção da fe-

nomenologia em Oxford, mas principalmente o fato de que ela foi recebida como herança dos programas de pesquisa de Brentano, uma vez que ele foi considerado seu avô.

- Primeiramente, ao colocarmos em perspectiva o modo como Ryle recepcionou a fenomenologia, é preciso ressaltar o fato de que ele não apenas elaborou revisões das publicações fenomenológicas, mas também inseriu posteriormente uma crítica da fenomenologia na base de seu *The Concept of Mind* (1949).
- Além disso, e esta é outra porta de entrada para a filosofia analítica da mente, o segundo ponto a ser destacado está no fato de que, embora Ryle tenha caracterizado sua própria abordagem como uma *fenomenologia*, o pouco apreço de suas opiniões sobre a fenomenologia influenciou claramente seu aluno Daniel Dennett.
- Finalmente, o clássico convite ao abandono da linguagem intencional, tal como formulado por Dennett (1991, p. 72) explicitou a relevância da herança do pensamento brentano também para a corrente de filósofos analíticos da mente ocupados de algum modo em refutá-lo.

2.4. A Phänomenologie de Franz Brentano e a Filosofia Analítica da Mente

Já foi dito que não é o propósito desse trabalho apresentar o modo como Fréchette, analisando o comprometimento de cada autor com o *realismo* ou *antirrealismo*, propôs a diluição da clássica demarcação *Reno e Danúbio* para evidenciar a herança dos programas de pesquisa brentanos na filosofia analítica da mente. No entanto, ainda que seja a título de exemplificação e com o propósito de enfatizar alguns aspectos históricos das rotas institucionais por onde passaram os programas de pesquisa de Brentano, é mais uma vez interessante recorrer aos resultados das análises de Fréchette, pois eles sistematizaram algumas das principais perspectivas da filosofia analítica da mente. Além disso, é fundamental ressaltar o fato de que esta sistematização elaborada por Fréchette (2021, p. 655), ainda que a título de exemplo, está baseada nas convergências ou divergências que os principais

programas de pesquisa da filosofia analítica da mente mantêm para com a *Phänomenologie* de Brentano, em função de sua tese central, ou seja, a tese da *intencionalidade*. Novamente aqui, portanto, a tese da *intencionalidade* está caracterizada como descrição objetiva da *marca do mental* como uma espécie de solução do *hard problem* da consciência. Vejamos as linhas gerais dessa sistematização.

2.4.1. Heterofenomenologia

A primeira relação, que cabe aqui apresentar, é aquela estabelecida pelas divergências entre os programas de pesquisa de Brentano e o programa de pesquisa sistematizado por Dennett como heterofenomenologia. Fréchet (2021, p. 655) ressalta o fato de que o pouco apreço pela *fenomenologia* que Dennett herdou de Ryle está evidente na obra *Content and Consciousness* (1991). Nesta obra, Dennett concorda com a clássica reinvidicação de Quine acerca da existência de apenas duas atitudes possíveis em relação à irreducibilidade da linguagem intencional:

- (a) Abandonar a linguagem intencional (e rumar para o *behaviorismo*);
- (b) Defender a indispensabilidade da linguagem intencional e, portanto, acompanhar as linhas gerais de orientação dos programas de Brentano e dos fenomenólogos.

As bem conhecidas linhas de argumentação de Dennett, para mostrar que a linguagem intencional é completamente dispensável, evidenciam que sua heterofenomenologia está baseada na atitude descrita em (a). O que sustenta tal posição teórica é o argumento de que a experiência em primeira pessoa, a qual funda a ciência dos fenômenos mentais, deve ser substituída por uma ciência objetiva em terceira pessoa, ou seja, a heterofenomenologia. Neste sentido, a heterofenomenologia deve conduzir a um "método de descrição fenomenológica que possa (em princípio) fazer justiça às experiências subjetivas mais privadas e inefáveis, enquanto nunca abandone os escrúpulos metodológicos da ciência" (DENNETT, 1991, p. 72).

É importante ressaltar, aqui, que o dado tomado pela heterofenomenologia não consiste na própria experiência descrita em primeira pessoa. Trata-se, nesse caso, de uma abordagem equivalente à prática das ciências

cognitivas, pois os dados são tomados como relatos ou descrições da experiência em primeira pessoa. Em função dessa mudança que passa da experiência para sua descrição, como bem sustenta Fréchette, a heterofenomenologia pode ser considerada uma das opções mais radicais para a dispensa de dados fenomenológicos, pois minimiza o fato de que a *intencionalidade* é basicamente uma experiência consciente e, como tal, uma descrição desta experiência inclui essencialmente uma descrição da perspectiva em primeira pessoa, ou seja, uma descrição do caráter fenomenal, ou *what-it-is-likeness*, dos estados intencionais (2021, p. 655). Por isso, para Dennett, a radicalidade da heterofenomenologia está no fato de que ela elimina completamente o sentido fenomenológico da *consciência*.

2.4.2. Representacionalismo Reducionista

Ainda que aqui não seja o caso de delimitar uma distinção entre o *representacionalismo* reducionista forte e fraco, como faz Chediak (2017), a segunda relação apresentada na análise de Fréchette demarca o *representacionalismo* reducionista como uma tentativa um pouco menos radical de lidar com dados fenomenológicos na filosofia analítica da mente contemporânea. Segundo ele, esta pode ser considerada a estratégia frequentemente empregada por filósofos como Dretske, Tye, Rosenthal, entre outros, os quais reduzem a experiência em primeira pessoa e sua *intencionalidade* às representações de primeira ordem ou de ordem superior, na medida em que estas podem ser determinadas por seu papel funcional em um sistema fisiológico (2021, p. 655). A questão fundamental aqui a ser ressaltada, ainda segundo Fréchette, está no fato de que mesmo que tais propostas teóricas compartilhem, juntamente com os relatos fenomenológicos, também o reconhecimento da existência de dados fenomenológicos, elas sugerem uma explicação reducionista dos dados. Sendo este o caso, portanto, Fréchette conclui que estamos diante de um ponto de convergência, pois relatos reducionistas de dados fenomenológicos são compatíveis, *mutatis mutandis*, com a *Phänomenologie* de Brentano, entendida como psicologia descritiva (2021, p. 656). Em outras palavras, como a tarefa fenomenológica de descrever a própria experiência tem prioridade metodológica, então ela não é

impugnada pela possibilidade de dar um relato reducionista - de um ponto de vista *genético*, como diz Brentano - de estados intencionais conscientes. No entanto, e é fundamental ressaltar, como a experiência consciente é explicada em termos de estados intencionais, os representacionistas reducionistas deixam de fora grande parte dos dados fenomenológicos.

2.4.3. *Consciência e Intencionalidade*

A terceira e última relação apresentada por Fréchette (2021, p. 656) é a mais fundamental, pois ela vincula a *Phänomenologie* de Brentano ao problema da consciência assumido pela filosofia analítica da mente, primeiramente com as posições que o *argumento do conhecimento* (JACKSON, 1982) e o *hard problem* (CHALMERS, 1996) assumem no debate contra o fisicalismo. Em seguida, Fréchette destaca ainda o papel central de Searle, uma vez que este tem por base sua tese o pressuposto de que "não há como estudar os fenômenos da mente sem estudar implícita ou explicitamente consciência", mas bem como o papel de Siewert, pois este argumenta que "temos um conhecimento distinto, em primeira pessoa, de nossas próprias mentes".

Apresentada nesses termos, portanto, a análise de Fréchette (2021, p. 656) sustenta que as perspectivas adotadas por tais filósofos analíticos da mente influenciaram a visão de que a *intencionalidade* está na base do fenômeno, uma visão que recebeu rótulos como *inseparatismos* e *intencionalidade fenomenal*. Além disso, o *estado da arte* acerca dessa questão mostra que "diferentes variedades de tal visão são defendidas hoje por filósofos como David Chalmers (2010), Eliah Chudnoff (2013), Katalin Farkas (2008), Uriah Kriegel (2011), Josef Levine (2011), Michelle Montague (2016), Galen Strawson (2011) e David Pitt (2004, 2009), entre outros (FRÉCHETTE, 2021, p. 656).

A conclusão à qual a análise de Fréchette chegou pode ser sistematizada do seguinte modo: quer sejam reducionistas ou não, em relação ao *hard problem*, o que une estes pontos de vista é a ideia de que, na ordem de explicação, consciência ou experiência fenomenal, devem ser consideradas antes da *intencionalidade*. Este é, portanto, o outro ponto de central convergência,

pois se trata de uma perspectiva defendida pelos fenomenólogos, desde Brentano e Husserl, ainda que essa tese mesma seja um problema em discussão nas várias obras de Brentano.

O exposto é suficiente para a conclusão do objetivo (i), a saber, sistematizar os pontos fundamentais da análise de Fréchette (2021), os quais permitem traçar uma rota da recepção do programa brentaniano pela tradição analítica da filosofia da mente. Cabe agora apresentar o objetivo (ii), a saber, descrever o modo como Jaegwon Kim interpreta a tese brentaniana da *intencionalidade* e seu propósito.

3. JAEGWON KIM E SUA INTEPRETAÇÃO DA TESE BRENTANIANA DA INTENCIONALIDADE

A análise da tese brentaniana da *intencionalidade*, tal como apresentada por Jaegwon Kim, em seu livro *Philosophy of mind* (2019), teve como propósito sistematizar o modo como os filósofos pertencentes à tradição analítica da mente rejeitam a tese da *intencionalidade*. Nos termos colocados pela análise de Kim, a rejeição dessa tese evidencia-se na ausência de uma resposta consensual da filosofia da mente para a pergunta “*a intencionalidade é a marca do mental?*” No entanto, é preciso considerar que o acesso de Kim à tese brentaniana da *intencionalidade* estava orientado pela interpretação difundida por Chisholm, ao longo de sua vida acadêmica, nas várias formulações de seus programas de pesquisa.

3.1. Kim com Chisholm, mas Contra Chisholm

Em seu ensaio *Chisholm's legacy on intentionality* (2003), apresentado no *Chisholm Memorial Symposium* durante o encontro da divisão central da *American Philosophical Association* (2000), Kim enfatizou a importância de lembrar que “foi o trabalho seminal de Chisholm nas décadas de 1950 e 1960 que introduziu a *Problematik* da *intencionalidade* na filosofia analítica, tornando-a uma área central de investigação em filosofia da mente e da linguagem” (KIM, 2003, p. 650). Ainda segundo a análise de Kim apresentada nesse mesmo trabalho, essa centralidade decorrente dos re-

sultados dos programas de pesquisa de Chisholm, tornou impossível, para a filosofia da mente e a psicologia, evitar expressões como *estado intencional*, *propriedade intencional*, *explicação intencional* e *psicologia intencional*, bem como os termos *objeto intencional*, *relação intencional* e *sentença intencional*, familiares na metafísica e na filosofia da linguagem.

Relevante para nossa análise é considerar que, embora Kim manifestamente tenha recusado os resultados dos programas de pesquisa de Chisholm acerca da *intencionalidade*⁶, inclusive na sua versão final apresentada em *The First person* (1981), ele foi enfático ao segurar que “o nosso uso atual de *intencional* e *intencionalidade* não apenas está derivado, mas é sobretudo uma continuidade do trabalho inicial de Chisholm acerca do carácter especial dos fenômenos intencionais e psicológicos” (KIM, 2003, p. 650).

Este contexto histórico de formação acadêmica evidencia, portanto, o pano de fundo da orientação lógico-linguística chisholmeana que orientou a interpretação de Kim acerca da tese brentaniana da *intencionalidade*. Ainda que não caiba aqui adentrar às diferenças entre as teses de Brentano e Chisholm propriamente ditas, é preciso ressaltar aqui dois pilares fundamentais utilizados por Kim para interpretar a versão chisholmeana da referida tese.

⁶ “Eu estava em Brown no início da década de 1960 como colega júnior de Chisholm e, com Ernest Sosa e Herbert Heidelberger, assisti diligentemente aos seus seminários de pós-graduação. Nessa altura, e apenas cinco anos após a publicação de *Perceiving*, o projeto linguístico de Chisholm continuava a avançar com grande vigor. Ele já havia abandonado a definição apresentada em *Sentences about Believing e Perceiving*, mas não seu projeto de encontrar uma definição lógico-gramatical de “sentença intencional” e, portanto, do psicológico. Em cada sessão do seu seminário, ele apresentava uma nova e melhorada definição de “sentença intencional” e desafiava os membros do seminário a refutá-la. Creio que, na maioria das vezes, fomos capazes de o fazer. Mas era espantoso ver como Chisholm era filosoficamente engenhoso; ele era frequentemente capaz de fazer reparações no local e colocar uma nova definição no quadro, não apenas de uma forma *ad hoc*, mas de forma filosoficamente esclarecedora. Por vezes, ele tinha de admitir, no final, que teria de tentar tudo de novo na semana seguinte, e cumpria sempre a sua promessa, regressando com outras definições, por vezes definições que tomavam um rumo surpreendentemente novo. Ele estava sempre disposto a ouvir objecções e críticas, pronto não só a fazer reparações e pequenas modificações, mas também a avançar em direções totalmente novas e inesperadas. Mantinha-se sempre um ou dois passos à frente de todos os outros. Neste processo, os seus impressionantes poderes filosóficos estavam à vista, assim como a sua honestidade intelectual e a sua dedicação exclusiva em fazer as coisas corretamente, e não apenas a derrotar os seus oponentes ou a impressionar os outros com réplicas rápidas e inteligentes” (KIM, 2003, p. 654).

i) Segundo Kim, o problema da *intencionalidade* com o qual Chisholm se ocupou foi o problema de “como a mente e a linguagem podem tomar as coisas no mundo como *objetos intencionais*” (2003, p. 649).

ii) Além disso, Kim considerou que Chisholm se ocupou do problema da *intencionalidade*, assim concebido, ao longo de toda sua carreira filosófica e, portanto, as variações dos programas de pesquisa desenvolvidos por ele sempre foram reformulações da resposta para o problema de “como a mente e a linguagem podem tomar as coisas no mundo como *objetos intencionais*” (2003, p. 649).

É interessante ressaltar, ainda, que o referido ensaio de Kim (2003) apresentou, além do problema da *intencionalidade* e sua relação para com as versões reformuladas dos programas de pesquisa desenvolvidos por Chisholm ao longo de sua carreira acadêmica, a interpretação crítica de Kim contrária ao resultado final ao qual Chisholm teria chegado, a saber, ao suposto *solipsismo intencional*. Vejamos:

O problema da *intencionalidade*, ou de como a mente e a linguagem podem tomar as coisas no mundo como *objetos intencionais*, ocupou Chisholm ao longo da sua carreira filosófica. Este ensaio revê e discute as suas contribuições seminais sobre este problema, desde o seu programa de pesquisa inicial em *Sentences about believing* e *Perceiving*, durante a década de 1950, até à sua última e mais madura exposição em *The First Person*, publicada em 1981. A opinião final de Chisholm é que a referência *de se*, ou o fato de um sujeito se tomar diretamente a si próprio como objeto intencional, é fundamental e primitiva, e que todas as outras formas de referência intencional, como *de re* e *de dicto*, podem ser compreendidas com base na *intencionalidade de se*. O ensaio termina com uma discussão sobre a preocupação de que esta explicação possa conduzir ao que se pode designar por *solipsismo intencional*, a proposição de que o eu é o único objeto genuíno de referência intencional (KIM, 2003, p. 649).

Foge aos propósitos deste trabalho analisar os detalhes dessa versão do problema da *intencionalidade* encontrado por Kim nos programas de Chisholm. No entanto, cabe ressaltar ao menos um pressuposto assumido por Kim acerca da interpretação chisholmeana da tese da *intencionalidade*, pois ele abdicou da análise da *tese psicológica* e tomou como central a versão classificada pelo próprio Chisholm como *tese ontológica* (a qual, ainda segundo Chisholm, Brentano teria abandonado nas versões de seus progra-

mas de pesquisa desenvolvidas após a PES (1874)). Em função da pressuposição da *tese ontológica*, portanto, Kim tomou a *intencionalidade* como *in-existência intencional* para verificar se suas características permitiam que ela fosse ser definida como a *marca* dos fenômenos mentais.

3.2. Kim e a Intencionalidade Como Marca do Mental

O propósito de Kim, no entanto, ia muito além da exposição das características da *in-existência intencional*, pois ele se ocupou de apresentá-la como candidata mal sucedida na tarefa de explicitar tal *marca do mental* reivindicada pela tradição analítica da mente, ou seja, uma candidata incapaz de explicitar as características distintivas pertencentes a todo fenômeno mental, as quais estabeleceriam, não apenas a distinção exaustiva entre os fenômenos físicos e os fenômenos mentais, mas fundamentalmente a unidade entre estes últimos. É importante ressaltar, então, que a própria classificação dos fenômenos mentais apresentadas por Kim (2019, n.p) pressupunha que alguns fenômenos mentais, a saber, entre os estados sensoriais, não apresentava a *intencionalidade* como a *marca do mental*, ainda que fossem descritos como constituídos de consciência fenomenal. Vejamos:

a. Em primeiro lugar, Kim (2019, n.p) demarca a distinção daqueles fenômenos mentais que envolvem sensações ou qualidades sensoriais:

a. EXEMPLOS: dores, coceiras, cócegas, ter uma imagem residual, ver um remendo verde redondo, sentir cheiro de amônia, sentir náusea, e assim por diante.

b. CARACTERÍSTICA: Esses estados mentais têm um caráter *fenomenal* ou *qualitativo*.

i. Estados *fenomenais* ou *qualitativos* são definidos como *qualia*, termo padrão para esses estados qualitativos sensoriais, ou as qualidades sensoriais experimentadas nesses estados.

c. Coletivamente, esses fenômenos mentais são ditos constituir *consciência fenomenal*.

b. Em segundo lugar, Kim (2019, n.p) demarca a distinção daqueles fenômenos mentais que envolvem atitudes proposicionais:

a. EXEMPLOS: estados mentais atribuídos a uma pessoa pelo uso de cláusulas que incorporam a palavra *que*, tais como:

i. “O presidente Barack Obama espera *que* o Congresso aprove um projeto de lei de saúde este ano”.

ii. “O senador Harry Reid tem certeza de *que* isso vai acontecer”.

b. CARACTERÍSTICA: Esses estados são caracterizados pela *atitude* de um sujeito em relação a uma *proposição*.

i. Exemplo: Esperança, certeza, dúvida ou crença de *que* o Congresso aprovará um projeto de lei de saúde ou que choverá amanhã.

1. As proposições são ditas constituir o *conteúdo* das atitudes proposicionais.

2. Cláusulas que especificam essas proposições são chamadas de *sentenças de conteúdo*.

c. Esses estados também são chamados de estados *intencionais* ou *portadores de conteúdo*.

i. Por que eles são chamados de estados *intencionais*?

1. Esses estados, em virtude de seus conteúdos, são estados representacionais;

a. a crença de *que* a neve é branca representa o mundo como sendo de uma certa maneira - mais especificamente, representa o estado de coisas da neve sendo branca.

2. Tradicionalmente, o termo *intencionalidade* tem sido usado para se referir a esse tipo de caráter representacional dos estados mentais.

Dado o esquema de classificação acima, a conclusão à qual Kim chegou, em função do seu propósito de recusar a *intencionalidade* como *marca do mental*, bem como da pressuposição da *tese ontológica* na definição da *intencionalidade*, afirmava que a *intencionalidade* falha ao deixar aberta uma pergunta fundamental, a saber, “em virtude de que propriedade comum os estados sensoriais e os estados intencionais são *mentais*”? (outra

versão dessa pergunta foi apresentada por Kim a partir do seguinte exemplo: o que as dores e as crenças têm em comum em virtude do qual ambas se enquadram na única rubrica de *fenômenos mentais*?) (2019, n.p).

Bem observado, e ainda que a tese brentaniana da *intencionalidade* fosse a origem de todas as abordagens intencionalistas, a crítica de Kim baseou-se na interpretação de que existem duas correntes de filósofos intencionalistas na filosofia da mente, as quais podem apresentar respostas divergentes para a mesma concepção unificada da mentalidade. Além disso, o mais importante é notar que Kim utilizou essa bifurcação para incluir o programa de pesquisa do próprio Brentano entre as abordagens representacionalistas.

Vejamos os detalhes desse problema começando pela sistematização apresentada por Kim acerca dessas duas abordagens:

- POSIÇÃO 1:

- 1.a. É a posição filosófica sustentada no argumento de que a consciência é fundamental e que ela é pressuposta pela *intencionalidade*.

- a.i. Sustenta-se, de modo específico, que todos os estados intencionais são ou conscientes ou, em princípio, possíveis de se tornar conscientes.

- i.1. Exemplo desse argumento:

- 1.a. Apenas seres com consciência são capazes de ter pensamentos com conteúdo e *intencionalidade*.

- a.ii. Consequência: tal visão abre a possibilidade de que toda mentalidade esteja, em última análise, ancorada na consciência e que a consciência seja o único fundamento das mentes.

- POSIÇÃO 2:

- 1.b. É a posição filosófica, cada vez mais influente e oposta à posição 1, sustentada no argumento de que toda consciência, incluindo a consciência fenomenal, tem caráter representacional.

b.i. Sustenta-se que faz parte da essência dos estados conscientes que eles representam coisas como sendo de uma certa maneira.

i.1. Exemplos desse argumento:

1.a. sensações corporais, como a dor,

1.b. experiências perceptivas, como ver um vaso verde na mesa.

i.2. Implicações desse argumento:

2.a. todos os estados conscientes têm conteúdos representacionais ou intencionais e são *direcionados* aos objetos e propriedades representados.

i.3. Consequência 1: o *representacionalismo* acerca da consciência implica que a *intencionalidade* é a única marca que caracteriza toda a mentalidade.

i.4. Consequência 2: um potencial benefício do *representacionalismo* da consciência poderia ser uma concepção unificada e satisfatória de mentes e mentalidade.

Kim valeu-se, portanto, dessa bifurcação entre as posições 1 e 2 para afirmar que, em que pese a ambiguidade da tese brentaniana da *intencionalidade*, a posição filosófica do próprio Brentano estaria na base do *representacionalismo* sustentado na posição 2. Por isso, é fundamental mencionar, como veremos a seguir, que esse argumento *representacionalista* resultante da interpretação de Kim tinha como fundamento ao menos um pressuposto questionável acerca da tese brentaniana da *intencionalidade*. Cabe, portanto, reconstruímos a interpretação de Kim para, então, apontarmos seus limites.

3.3. Kim e sua Interpretação da Tese da Intencionalidade

A clássica passagem de PES (1984), e a definição de *intencionalidade* como *in-existência intencional* dos fenômenos mentais, tal como mostra a citação a seguir, foi o ponto de partida utilizado por Kim no livro *Philo-*

sophy of mind (2019) para a exposição da sua interpretação da tese brentaniana da *intencionalidade*.

Todo fenômeno mental é caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média chamavam de *in-existência intencional* (ou mental) de um objeto, e que podemos chamar, embora não de forma completamente inequívoca, de *referência a um conteúdo, direção para um objeto* (que não deve ser entendido aqui como significando uma coisa), ou *objetividade imanente*. Todo fenômeno mental inclui algo como objeto dentro de si mesmo, embora nem todos o façam da mesma maneira. Na *apresentação*, algo é *apresentado*, no *juízo* algo é *afirmado ou negado*, no *amor* *amado*, no *ódio* *odiado*, no *desejo* *desejado* e assim por diante.

Kim apresentou sua interpretação assumindo uma definição recorrente na filosofia analítica da mente, segundo a qual a “*intencionalidade* é a característica própria dos estados mentais, ou seja, por serem intencionais: (a) estados mentais são acerca de, ou direcionados a, objetos que podem ou não existir; (b) estados mentais têm conteúdos que podem ou não ser verdadeiros” (KIM, 2019, n.p). Ainda segundo a interpretação de Kim, definida a partir dessa dupla característica, a *intencionalidade* refere-se à relação mente-mundo. Isso significa, especificamente, que nossos pensamentos, não apenas se relacionam com as coisas do mundo, mas também representam como as coisas estão no mundo. Por isso, a ideia fundamental nessa linha de interpretação de Kim estava no fato de que a mentalidade seria a capacidade de representar o mundo ao nosso redor e, justamente por isso, essa é uma de suas funções essenciais. Definida nesses termos, portanto, Kim assumiu que a tese brentaniana da *intencionalidade* apresentava a mente como um repositório de representações internas - um espelho interno - do mundo exterior.

A base dessa interpretação *representacionista* de Kim, ou seja, a interpretação de que “os estados mentais têm a capacidade e a função de representar coisas e estados de coisas no mundo” (2019, n.p), tomava o conceito de *intencionalidade* de duas maneiras, a saber, a *intencionalidade* referencial e a *intencionalidade* do conteúdo para questionar a unidade entre eles.

A *intencionalidade* referencial, tal como ilustrou Kim por meio do exemplo a seguir, diz respeito à relação ou referência de nossos pensamentos, crenças, intenções e coisas do tipo.

Quando Ludwig Wittgenstein perguntou: "O que faz com que minha imagem dele seja uma imagem dele?" Ele estava pedindo uma explicação do que faz com que um estado mental dado (minha "imagem dele") seja sobre ou se refira a um objeto particular - ele - em vez de outra pessoa. (Essa pessoa pode ter um irmão gêmeo idêntico, e sua imagem pode se encaixar em seu irmão gêmeo tão bem, talvez até melhor, mas sua imagem é dele, não de seu irmão gêmeo. Você pode nem mesmo saber que ele tem um irmão gêmeo.) Nossas palavras também se referem a objetos ou são direcionadas a eles; "Monte Everest" se refere ao Monte Everest, e "cavalo" se refere a cavalos (KIM, 2019, n.p).

A *intencionalidade* do conteúdo, também como ilustra o outro exemplo de Kim apresentado a seguir, diz respeito ao fato de que uma classe importante de estados mentais - ou seja, atitudes proposicionais como crenças, esperanças e intenções - têm conteúdos ou significados, que muitas vezes são expressos por frases completas. É em virtude de terem conteúdos que nossos estados mentais representam estados de coisas no mundo.

Minha percepção de que há girassóis no campo representa o fato ou estado de coisas de haver girassóis no campo, e sua lembrança de que houve uma tempestade na noite passada representa o estado de coisas de ter havido uma tempestade na noite passada (KIM, 2019, n.p).

Cabe ressaltar, acerca desses dois modos de *intencionalidade*, ainda segundo a interpretação de Kim destacada na citação a seguir, que eles constituem a condição de possibilidade do conhecimento acerca do mundo.

ter conhecimento é uma questão de ter representações mentais com conteúdos verdadeiros – ou seja, representações que representam corretamente. Por isso, a *intencionalidade* referencial e a *intencionalidade* do conteúdo são dois aspectos relacionados ao fato de que os estados mentais têm a capacidade e a função de representar coisas e estados de coisas no mundo (2019, n.p).

Portanto, e esse é o ponto fundamental da análise desenvolvida na parte (ii) desse trabalho, Kim concluiu a apresentação de sua interpretação afirmando que “o pensamento de Brentano parece sustentar que essa capaci-

dade representacional é a essência da mente. É a função essencial e a razão de ser da mente” (2019, n.p).

Sobre o pano de fundo da exposição realizada neste tópico é possível corroborar a hipótese (iii) de que Brentano teria bons argumentos para refutar a análise de Kim acerca da sua tese da *intencionalidade*, pois há uma compreensão equivocada do conceito *Vorstellung*, a qual implica uma interpretação não brentaniana do conceito de *intencionalidade*. Se esse argumento for plausível, e em função de tal interpretação equivocada da filosofia analítica da mente apresentada por Kim, o horizonte da questão fundamental (*a intencionalidade é a marca do mental?*) continua aberto, ao menos para os herdeiros mais ortodoxos da tradição brentaniana.

4. VORSTELLUNG E EQUIVOCIDADE: REPRESENTAÇÃO OU PRESENTAÇÃO

A seção anterior ocupou-se, entre outras coisas, da interpretação *representacionista* da tese brentaniana da *intencionalidade* proposta por Kim e atribuída, *malgré lui*, ao próprio Brentano, bem como do modo como tal interpretação foi utilizada para recusar a *intencionalidade* como a marca dos fenômenos mentais, a qual falharia em caracterizar a unidade entre estados sensoriais e estados intencionais. No pano de fundo dessa interpretação *representacionista* estava a interpretação do problema da *intencionalidade* herdado de Chisholm, e vale lembrar, “como a mente e a linguagem podem tomar as coisas no mundo como *objetos intencionais*” (2003, p. 649). Nesse sentido, os conceitos de *intencionalidade* referencial e *intencionalidade* de conteúdo funcionaram para Kim como classificadores das variedades de fenômenos mentais, ou seja, como relações que permitiam a modelagem de alguns dos fenômenos mentais, mas não como a *conditio sine qua non* que possibilitava a descrição dos próprios fenômenos mentais, tal como explicitara Brentano em PES (1874), orientado pelo método das ciências naturais. Além disso, ou até mesmo em função disso, o próprio Kim reconheceu que sua interpretação *representacionista* da tese brentaniana impunha uma dificuldade preliminar à análise dos fenômenos mentais, pois sua concepção de representação pressupunha *condição de satisfação*.

4.1. Representação (*Vorstellung*) e Condição de Satisfação

As representações (*Vorstellungen*), diz Kim (2019, n. p) têm *condições de satisfação* e, por isso, elas se distinguem em função do tipo de *intencionalidade* que as caracterizam. Assim, segundo Kim, (i) as representações com *intencionalidade* de conteúdo, como a crença de que a neve é branca, são avaliadas em termos de verdade ou correção. Do mesmo modo, as representações pictóricas ou visuais são avaliadas em termos de graus de precisão e fidelidade. Essas *condições de satisfação* estabelecidas por Kim implicam, portanto, que uma representação com *intencionalidade* de conteúdo pode falhar em representar algo corretamente - ou seja, pode distorcer. Além disso, (ii) as representações com *intencionalidade* referencial, como *Londres* e a *Fonte da juventude*, são avaliadas em termos de sucesso na referência ao objeto pretendido (um objeto existente). Desse modo, *Londres* se refere à cidade de Londres, enquanto a *Fonte da juventude* acaba não se referindo a nada.

Portanto, esse conceito de representação (*Vorstellung*), interpretado por Kim em função da sua *condição de satisfação*, constituiu-se como a pedra de toque do *representacionalismo* atribuído à tese brentaniana da *intencionalidade*. No entanto, a plausibilidade dessa interpretação proposta por Kim pressupõe o uso do termo *Vorstellung* em um sentido não utilizado por Brentano. Bem observado, a interpretação de Kim só faz sentido sob dois pressupostos:

(i) A própria explicação brentaniana acerca do termo *Vorstellung* (*apresentação*) deve ser desconsiderada, a saber, aquela elucidada nos seguintes termos:

Toda ideia ou *apresentação* (*Vorstellung*) que adquirimos através da percepção sensorial ou da imaginação é um exemplo de um *fenômeno mental*. Por *apresentação* (*Vorstellung*) não quero dizer aquilo que é *apresentado*, mas sim o ato de *apresentar* (BRENTANO, 1995, p. 60).

Mas também deve ser desconsiderada:

(ii) A descrição mereológica da relação entre as partes e o todo da consciência, a qual permitiria descrever a *Vorstellung* (*apresentação*) como

fenômeno mental de base, bem como o juízo e o sentimento (amor e ódio) como fenômenos mentais baseados em uma *Vorstellung* (presentação).

À luz desses dois pressupostos, os detalhes do equívoco de Kim tornam-se evidentes com a análise do conceito brentariano de *Vorstellung* (presentação), tal como apresentado em PES (1874). Vejamos, então, os detalhes específicos no próximo tópico.

4.2. Brentano e o Conceito *Vorstellung* (presentação)

O conceito *Vorstellung* (presentação) estava no núcleo do programa de pesquisa brentariano apresentado no livro *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico* (1874), pois ele exercia um papel fundamental entre os filósofos que utilizaram o *método psicológico* como fundamento epistemológico. Particularmente no caso de Brentano, o *método psicológico* permitiu a reorientação da filosofia para a ciência natural, promovendo um novo tipo de empirismo, tipicamente germânico, caracterizado por sua tendência não indutivista, mas brentarianamente intencionalista. Segundo Porta, “a compreensão da psicologia em si, não mais definida apenas por sua abordagem introspeccionista, mas por sua *intencionalidade* e sua nova compreensão correlativa da percepção interior, apresentava diferenças características, sendo Brentano o primeiro a vincular a proposta do *método psicológico* a uma abordagem estrita e consequentemente descritiva” (2018, p. 340).

Além disso, é preciso considerar que um dos pressupostos fundamentais do *método psicológico* foi o *princípio de imanência* (PI), o qual exerceu um papel essencial na base do programa de pesquisa brentariano apresentado em PES (1874). Tal como esquematizado em Brito (2022, p. 58), o *princípio de imanência* (PI) definia-se como a tese cartesiano-lockeana de que os únicos objetos diretos e imediatos da consciência são suas próprias representações (*Vorstellungen*, *ideas*). No entanto, foi exatamente em função do modo como se deu a recepção e reformulação do *princípio de imanência* (PI) que a originalidade de Brentano se evidenciou, pois tal reformulação do (PI) construiu o fundamento filosófico para que as *Vorstellungen* (ou *ideas* no sentido de Descartes) fossem redefinidas como fenômenos psíquicos encontrados nas bases do ato de julgar e do ato de amar e odiar.

Além disso, e ainda segundo a análise apresentada em Brito (2022, p. 59), se é certo que, ao assumir o *método psicológico*, o programa de pesquisa brentaniano de PES (1874) pressupunha o *princípio de imanência* (PI), ou seja, a tese cartesiano-lockeana de que os únicos objetos diretos e imediatos da consciência são suas próprias representações, também é certo que tal programa de pesquisa brentaniano o fez de um modo originalmente distinto de seus interlocutores. Em outras palavras, Brentano recepcionou o *método psicológico* e, ao mesmo tempo, reformulou o conceito fundamental do *princípio de imanência* (PI) nele pressuposto, a saber, o conceito de *Vorstellungen* (*ideas*) que em Brentano foi expresso de modo mais apropriado como *apresentação*⁷ (*Vorstellung*).

A justificativa apresentada por Boccaccini (2021, p. 255) na ocasião da tradução do termo *Vorstellung* por *presentazione* para a língua italiana⁸ é uma peça fundamental para a compreensão do sentido do termo *apresentação*⁹ (*Vorstellung*) utilizado por Brentano, pois se trata da classe mais fundamental de atos mentais percebidos de modo imediato como *fenômenos psíquicos*. Por isso, a demarcação do seu sentido próprio, tal como proposto por Boccaccini (2021, p. 255-256), tem como base os quatro pontos seguintes:

(i) Em Brentano esta classe de atos mentais é análoga àquela da simples nomeação de uma coisa no plano da linguagem.

a. Brentano, portanto, usa *Vorstellung* para se referir a algo que se manifesta à consciência, no sentido de estar diante da mente:

i. no sentido de algo que está presente, colocado na frente (*stellen vor*) da consciência,

⁷ Sob a orientação de Federico Boccaccini, a quem sou grato, venho propondo a tradução do termo alemão *Vorstellung* por *apresentação* e o verbo *vorstellen* por *apresentar* a fim de reintroduzir o substantivo e o verbo raramente utilizados, sobretudo nas traduções brasileiras de textos filosóficos para língua portuguesa, os quais podem garantir a exata compreensão do sentido apresentado por Brentano no texto original.

⁸ Sobre esta interpretação, conferir BOCCACCINI (2019, p. 356-373).

⁹ Conferir Figueiredo (2010): “(a) Apresentar v. t. O mesmo que apresentar. (Lat. *praesentare*). (b) *apresentação* f. O mesmo que apresentação” (p. 1616); “(c) Apresentar v. t. Tornar presente, pôr à vista. (Lat. *praesentatio*). (d) Apresentação f. Acto de apresentar. (B. lat. *apresentatio*)” (p. 168).

ii. e não no sentido de estar na mente, ou seja, um estado interno ou conteúdo mental do sujeito ou do seu pensamento.

(ii) Por *Vorstellung* Brentano entende todos os fenômenos mentais em que o objeto está simplesmente presente para nós, o objeto aparece sem qualquer atitude nossa:

a. são todas as *apresentações* sensíveis, sejam simples sensações, mas também as *apresentações amnésicas* ou *ficcionais*, e *noéticas* ou *apresentações* conceituais.

(iii) Portanto, o estatuto elementar e fundador da *Vorstellung* na psicologia de Brentano não deriva necessariamente da sua origem sensorial, mas:

a. em primeiro lugar, da sua função de identificar ou *apresentar* o objeto do ato mental (cujo objeto pode ser de natureza não sensível, por exemplo um objeto matemático ou teológico).

b. Uma *Vorstellung* não é, portanto, apenas a *impressão sensível* da tradição empirista clássica.

(iv) Por esta razão, a escolha de traduzir *Vorstellung* como *apresentação* (seguindo o termo italiano correspondente *presentazione*) quer sublinhar o modo como este conceito em Brentano representa um ato da mente em linha com a tradição aristotélico-tomista e não uma representação mental, noção mais próxima da linha cartesiano-lockeana da filosofia moderna.

Em função desses quatro pontos não *representacionistas* demarcados por Boccaccini, acerca do termo *apresentação*, a seguinte definição abrangente de fenômenos psíquicos torna-se elucidada:

Mas queremos tentar dar uma explicação do fenômeno psíquico de outra forma e mais uniforme. Para este fim, temos uma definição que já utilizamos, dizendo que pelo nome de fenômenos psíquicos designamos as *apresentações*, bem como todos aqueles fenômenos para os quais as *apresentações* formam a base. Que não entendemos por *apresentação* aqui o que é apresentado, mas sim o apresentar, dificilmente precisa de comentário. Este apresentar forma a base não só do julgar, mas também do desejar, assim como de qualquer outro ato psíquico. Nada pode

ser julgado, nada pode ser desejado, nada pode ser esperado ou temido se não for apresentado. Assim, a definição dada engloba todos os exemplos de fenômenos psíquicos recém apresentados e, em geral, todos os fenômenos pertencentes a este campo (BRENTANO, 2008a, p. 97).

Descrever uma *apresentação*, ou seja, um *ato de apresentar* um correlato *apresentado*, bem como um *ato de julgar* ou um *ato de amar e odiar* tal correlato, foram alguns dos resultados fundamentais alcançados por Brentano no programa de pesquisa desenvolvido em PES (1874), os quais se caracterizaram como *fenômenos psíquicos* em função do modo como a *psicologia* se constituiu como *método psicológico*, sem que isso implicasse numa redução da filosofia à psicologia. No entanto, o ponto fundamental aqui estava em reconhecer que tal possibilidade de descrição dos *fenômenos psíquicos*, garantida por essa psicologia do ato (*Aktpsychologie*), não se fundava no modo de acesso a tais *fenômenos psíquicos*, mas na sua propriedade intrínseca fundamental, a saber, a *intencionalidade* que os constituíam, pois esta propriedade radicalizava o *introspectivismo* ao permitir a descrição da apreensão imediata dos *fenômenos psíquicos* pela percepção interna (BRITO, 2022, p. 60; PORTA, 2018, p. 340-1).

4.3. Fenômeno e Apresentação Como Fenômeno Mental

A tese defendida aqui nesse trabalho, dada a hipótese *representacionista* apresentada, sustenta que Brentano teria bons argumentos para refutar essa análise de Kim exposta na seção 3, pois a compreensão equivocada do conceito de *apresentação* (*Vorstellung*) implicava uma interpretação não brentaniana do conceito de *intencionalidade*. Um dos pontos de apoio para os argumentos brentaniano que poderiam ser levantados contra a interpretação *representacionista* de Kim está no fato de que ela não pressupõe o conceito brentaniano de *fenômeno* (*físico e psíquico*) à luz do critério definido por Brentano em sua *4ª Tese de Habilitação* (“o verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais”).

Trata-se aqui de outra reformulação brentaniana que, ao lado da reformulação do *Princípio de imanência* (PI), fundiu o empirismo concebido de Mill e o positivismo recebido de Comte na própria descrição da sua tese

da *intencionalidade*. Em outras palavras, por um lado, fortemente influenciado por Comte, Brentano assumiu a definição positivista (algebrizada) de fenômeno para recusar a tradicional definição kantiana de fenômeno. Por outro lado, e fortemente influenciado por Mill, Brentano valeu-se da característica exclusivamente descritiva do *método psicológico* para substituir a pretensão indutivista na ciência empírica, bem como o associacionismo que a embasava, ao reformular também o conceito de *fenômeno* recebido da tradição kantiana (BRITO, 2022, p. 61).

A análise das linhas gerais da recepção do conceito comteano de fenômeno, no programa de pesquisa desenvolvido por Brentano em PES (1874), será suficiente para os propósitos desse trabalho, uma vez que ela elucida o sentido próprio do conceito brentaniano de *apresentação* (*Vorstellung*), frente a plurivocidade de sentidos que ele comporta.

4.4. O Conceito Comteano de Fenômeno

O conceito de fenômeno, bem como sua herança positivista comteana, foi tema de um seminário livre sobre *Comte e o positivismo francês*, apresentado por Brentano no verão de 1869 na *Universidade de Würzburg*, juntamente com as preleções sobre metafísica destinadas a apresentar sua *Phänomenologie*. Esse foi, como ressaltou Curvello (2022, p. 4), o contexto da publicação do artigo intitulado *Auguste Comte e a filosofia positiva* (2022), único trabalho publicado de uma série de sete artigos previstos sobre o positivismo, nos quais Brentano havia começado a trabalhar antes do semestre de verão de 1869. Ainda que único, a relevância das teses ali sustentadas, acerca do conceito comteano de *fenômeno*, ficou caracterizada pelo fato de Brentano as ter incorporado ao seu programa de pesquisa desenvolvido poucos anos mais tarde em PES (1874).

O primeiro ponto relevante a demarcar, na defesa brentaniana da legitimidade da filosofia positiva apresentada em 1869, é a consideração de que em Comte *fenômeno* não é o que aparece, como definira Kant, mas a explicação dos próprios fatos (*faits*). Por isso, sustentava Brentano, “a explicação dos fatos, reconduzida à sua significação real, é a partir daí nada mais do que a produção da *conexão* (*Verbindung*) entre os diferentes fenômenos

particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência se empenha sempre em reduzir mais” (2022, p. 11). Em outras palavras, já no contexto da sua *Phänomenologie*, Brentano assumira a definição comtiana de fenômeno que pudesse garantir em seu empirismo a presença de “um elemento ideal que se manifestava na perspectiva estrutural, a qual tomava o caso individual, não como uma instância para indução, mas como exemplo de um tipo” (PORTA, 2018, p. 338). Esse seria o modo de assegurar, entendeu Brentano, que a descrição de um simples *fenômeno*, como o peso dos corpos na superfície da terra, poderia ser expandida a um fato geral e se caracterizar como explicação dos fenômenos gerais do universo, enquanto lei de gravitação estabelecida por Newton. Por isso, enfatizou ele contra a concepção kantiana da expressão *fenômeno* vigente na tradição filosófica:

Antes de tudo, no que se refere à expressão *fenômeno*, ela não deve ser entendida em nosso filósofo como em Kant. Nós nos enganaríamos se quiséssemos pensar no *phénomène* de Comte como se fosse um *φαινόμενον* kantiano — um aparecimento por trás do qual estivesse oculta, em um esconderijo insondável, o *νοούμενον*, a coisa-em-si. Já isso poderia servir aqui de sinal de que Comte toma *fenômeno* com frequência exatamente como sinônimo da expressão *fato*, como, e.g., quando ele disse “a explicação dos fatos (*faits*) é, para o pensador positivo, nada além da produção da conexão entre os diferentes fenômenos (*phénomènes*) particulares e alguns fatos (*faits*) gerais.” (BRENTANO, 2022, p. 17).

Concebido em seu sentido próprio, e segundo essa orientação positivista, o conceito de fenômeno indica um dos pontos fundamentais do programa de pesquisa desenvolvido na obra *Psicologia do ponto de vista empírico*, o qual explicitamente refuta a plausibilidade da interpretação *representacionalista* da *intencionalidade*, pois a sua consequência imediata indica o fato de que Brentano abdicou da pretensão transcendente em função dos limites epistemológicos do método utilizado. Em outras palavras, a realidade dos fenômenos físicos devia ser rejeitada a partir da perspectiva empírica e seu alcance. Nesses termos, dizia Brentano,

[...] não é, pois, correta a hipótese de que um fenômeno físico, como os que se encontram intencionalmente em nós, exista fora do espírito e encerre realmente uma contradição. Apenas a comparação de um com outro resultam em conflitos que provam claramente como aqui ne-

nhuma existência real corresponde à *intencional*. E sendo assim, até onde nossa experiência alcança, não erramos em negar aos fenômenos físicos toda existência distinta da *intencional*” (BRENTANO, 1995, p. 72.).

O exposto acerca do conceito geral de fenômeno assumido por Brentano permite, ainda, apresentar duas implicações teóricas, às quais escapam à interpretação *representacionista* de Kim, mas que resultaram da teoria brentaniana de PES (1874) e sua caracterização da *intencionalidade*. Trata-se, especificamente, da relação analógica entre a definição de *fenômeno físico* e *fenômeno psíquico*, tal como concebida no marco da 4ª Tese brentaniana de *Habilitação*.

(i) A primeira implicação permitia assumir que a definição comtiana de fenômeno recepcionada por Brentano mostrava reconhecer os resultados do cálculo diferencial e integral (ao preservar para os *fenômenos físicos* a descrição de um fato, equacionável, como casos particulares de fatos gerais, ou seja, leis *derivadas* das primeiras equações). Em função disso, portanto, a descrição brentaniana de fenômeno explicitaria a estrutura que tomava o caso individual não mais como uma instância de indução, mas como um exemplo de um tipo.

(ii) A segunda implicação permitia assumir que, se a descrição do *fenômeno psíquico do juízo* como um fenômeno que contivesse em si uma *apresentação de um fenômeno físico* (ou melhor, a descrição mereológica das partes constituintes da *relação intencional* entre *ato de julgar* e *correlato do ato julgado*) estivesse *phänomenologicamente* adequada à natureza do objeto, então a descrição de tal fenômeno explicitaria *o modo intencional das relações* (substitutos da indução) desta mesma estrutura entre as partes e o todo constituintes do *ato de julgar* que percebe imediatamente a evidência de uma lei.

Tratava-se aqui, efetivamente, do modo como Brentano concebeu a identidade entre os métodos das ciências naturais e da psicologia, tal como anunciado na sua famosa 4ª Tese de *Habilitação*: “o verdadeiro método da filosofia não é outro senão aquele das ciências naturais” (2017, p. 161).

Portanto, o exposto acima acerca do conceito brentaniano de fenômeno em geral, bem como as definições de fenômeno psíquico e *apresenta-*

ção, é suficiente para refutar a interpretação *representacionalista* proposta por Kim acerca do seu conceito de *intencionalidade*.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da argumentação desenvolvida no tópico anterior valeu-se da análise de Boccaccini (2023) para demarcar o sentido próprio do termo *Vorstellung* (*apresentação*) e, assim, sustentar a hipótese de que a interpretação *representacionalista* de Kim não lidou devidamente com o problema da multiplicidade de sentidos do termo *Vorstellung*. Além disso, a definição comteana de fenômeno, assumida por Brentano no desenvolvimento do seu programa de pesquisa da PES (1874), foi apresentada como um dos argumentos centrais contra a hipótese *representacionalista* de Kim. Em outras palavras, a hipótese sustentada por Kim, de que *intencionalidade* (explicitada por Brentano em PES) fracassara como candidata à *marca do mental*, não se sustenta, uma vez que Kim não tomou o conceito brentaniano de *intencionalidade* em seu sentido próprio, tal como reivindicado por Brentano ao longo de sua vida intelectual.

Finalmente, é fundamental que mencionemos um ponto de apoio, oferecido pelo próprio Brentano, favorável à interpretação formulada por Kim acerca do conceito de *intencionalidade*. Trata-se das várias correntes teóricas originadas a partir do programa brentaniano de pesquisa apresentado na obra *Psicologia a partir de um ponto de vista empírico*, em função das ambiguidades apontadas pelo próprio Brentano em 1911, por ocasião da reedição da sua primeira formulação de 1874. Joga a favor da interpretação de Kim, mesmo que a teoria da *intencionalidade* brentaniana não inclua qualquer perspectiva *representacionalista*, o fato de o próprio Brentano ter decidido republicar o texto da primeira edição de sua obra magna sem alterações, afirmando o propósito de mantê-la como fonte teórica de seus discípulos e opositores. Se esse é o caso, então há ao menos um sentido no qual é possível afirmar que a interpretação *representacionalista* da *intencionalidade* pode ter sua origem no programa de pesquisa brentaniano de PES (1874), a saber, na interpretação decorrente das ambiguidades e equivocida-

des dos termos que embasaram o programa de pesquisa brentaniano de 1874.

Recebido em 01/06/2023

Aprovado em 16/06/2023

REFERÊNCIAS

ANTONELLI, M. Consciousness and Intentionality in Franz Brentano. *Acta Analytica*, v. 37, p. 301-322, 2022.

BRENTANO, Franz. As teses de habilitação. Trad. Evandro O. Brito, Ernesto M. Giusti, Camila B. Moreira. *Revista Guairacá de Filosofia*, Guarapuava-PR, v. 33, n. 2, p. 160-168, 2017.

BRENTANO, Franz. *Psychology from an empirical Standpoint*. Trans. Antos C. Rancurello, D. B. Terrell, London and New York, Routledge, 1995.

BRENTANO, Franz. *Psicología desde el punto de vista empírico*. Trad. Sergio Sánchez-Migallón, Ediciones Sígame, Salamanca, 2020.

BRENTANO, Franz. O psicologismo: ou o porquê não sou um psicologista. Trad.: Evandro O. Brito. *Revista PERI*, v. 5, n. 1, 2013.

BRENTANO, Franz. Auguste Comte und die positive Philosophie. Erster Artikel. In: *CHILIANEUM: Blätter für katholische Wissenschaft, Kunst und Leben*. Neue Folge, II, 1869.

BRENTANO, Franz. Comte e a filosofia positiva. Trad.: Flavio Cuvello. Primeiro Artigo. *Aurora*, Curitiba, (Prelo), 2022.

BRITO, Evandro O. Franz Brentano e a psicologia empírica: um projeto de filosofia científica com Comte, contra Comte. *Revista Guairacá de Filosofia*, Guarapuava-PR, v.31, n1, p. 40-54, 2015.

BRITO, Evandro O. *Psicologia e ética: o desenvolvimento da filosofia do psíquico de Franz Brentano*. Editora CRV. Curitiba. 2013.

BOCCACCINI, Federico. Psicologia moral e perfeccionismo em Brentano. In: BRITO, Evandro O., AMARAL Lucas A. Duarte (Orgs.). *Racionalidade, Intencionalidade e Semântica*. Guarapuava [PR]: Apolodoro Virtual Edições, 2023.

CARVALHO, Joelma M. Ist alles Psychische bewusst und intentional? Brentanos These und Searles Kritik. In *Brentano Studien* 17, p. 99 – 116, 2020.

CHISHOLM, Roderick M. *The First person: an essay on reference and intentionality*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.

CHEDIAK, Karla. A tese da transparência e o *representacionalismo* perceptivo. In: *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2017, p. 245-258.

CHURCHLAND, Patricia. Can Neurobiology Teach Us Anything About Consciousness?”. In: *The Nature of Consciousness*. N. Block, O. Flanagan & G. Güzeldere (eds.). Cambridge, Mass.: MIT Press, 1997.

DENNETT, Daniel. *Consciousness explained*, Boston, Little, 1991.

DUMMETT, Michael. *Origins of analytical philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

FRÉCHETTE, Guillaume. The Origins of Phenomenology in Austro-German Philosophy. Brentano, Husserl. In: John Shand (ed.), *A Companion to nineteenth-century philosophy*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 418-453, 2019.

FRÉCHETTE, Guillaume. Phenomenology and Analytic Philosophy. in D. De Santis, B. Hopkins, C. Majolino (ed.), *Handbook of Phenomenological Philosophy*, London, Routledge. 2021.

GLOCK, Hans-Johann. *O que é filosofia analítica?* Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Penso, 2011.

KIM, Jaegwon. Chisholm’s legacy on intentionality. *Metaphilosophy*, v. 34, n. 5, 2003.

KIM, Jaegwon. *Philosophy of Mind*. 3ª ed. Westview Press, 2010, (Kindle Editon, 2018).

LECLERC, André. *Intencionalidade*. In: João Branquinho e Ricardo Santos (ed.), *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*, p. 1 – 23, 2015.

MONTAGUE, Michelle. Intentionality: From Brentano to representationalism. In A. Kind (Ed.), *Philosophy of mind in the twentieth and twenty-first centuries*, p. 200-232, Routledge, 2019.

MOORE, G. E. Review of Franz Brentano’s *The Origen of the Knowledge of Right and Wrong*. In: *International Jornal of Ethics*, volume 14, October, 1903, p. 115-123.

MORAN, Dermot. *Edmund Husserl: Founder of Phenomenology*. Malden: Polity Press, 2005.

PORTA, Mario Ariel. Kerry and the evolution of Frege's critique of psychologism. In *Brentano Studien 14*, p. 281 – 300, 2016.

PORTA, Mario Ariel. Introdução histórica al psychologismusstreit. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*. Brasília, v.7, n.2, ago. 2019, p. 239-269.

PORTA, Mario Ariel. Método psicológico y metafísica. *Pensando: Revista de filosofia* (UFPI), v. 11, p. 11-22, 2020.

PORTA, Mario Ariel. Brentano y el método psicológico. *Síntese - Revista de filosofia*, v. 45, p. 327, 2018.

PORTA, Mario Ariel. *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2013.

PORTA, Mario Ariel. Zurück zu Dummet. Análisis crítico del libro editado por Hans Johan Glock: *The rise of analytic Philosophy* (1999). *Veritas* (Porto Alegre), PUC/RS, v. 50, n.2, p. 329-342, 2004.

SIMONS, Peter. Twardowski on truth. In: *200 Years of Analytical Philosophy*, v.4, p. 1-14, 2009.



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).